

Breve pintura fenomenológica sobre o idioma falado no Brasil

Matizes da formação do povo brasileiro presentes no ensino da língua materna nos lares e escolas

Ponto de partida

Inúmeras são as abordagens possíveis ao se falar na formação da língua de um país e sua íntima relação com o povo que o habita. Poderíamos salientar aspectos sociológicos, históricos, linguísticos e tantos outros, todos certamente valiosos. O intuito deste artigo, contudo, não é o de oferecer um estudo minucioso de qualquer desses aspectos isoladamente, mas sim o de despertar uma forma de percepção abrangente, poder-se-ia dizer “holística”, da maneira como um povo é constituído ao longo de um tempo e vai construindo sua língua paulatinamente, em particular em sua relação com a terra que habita, com a história que o compôs e compõe, com sua geografia, e segundo a musicalidade das línguas ancestrais que porventura o tocaram. Em particular, aqui será tratada a língua construída e falada no Brasil.

Com tal intuito, as ideias aqui expostas se oferecem menos como um estudo científico, mas antes como um estímulo à **vivência** da língua como uma corrente viva, capaz de ser percebida em sua abrangência, de forma poética. Respalhada pela consideração de um dos nossos grandes mestres da língua brasileira, João Guimarães Rosa, que afirmava que “*a poesia é a linguagem do indizível*”, quero crer que as considerações aqui expostas possam servir como pinceladas poéticas, e assim evocar uma escuta inédita e ampliada da língua, uma compreensão delicada para com seu papel na formação da índole de seu povo, despertando, portanto, uma consciência ampliada de seu alcance na educação e na formação de crianças e jovens.

Além de alguns exemplos da literatura brasileira, as ideias aqui expostas se apoiam na visão de mundo e do desenvolvimento humano de Rudolf Steiner (1861-1925), notável filósofo do século XX que, no campo da Educação, cunhou o método inédito e inovador de educar, consagrado com o nome de Pedagogia Waldorf, que neste ano celebra o seu centenário, em crescente expansão por todos os continentes.

Em seu ciclo de palestras (*A Arte da Educação 1* – 1995), proferidas aos professores da primeira escola Waldorf, fundada em 1919 em Stuttgart, Rudolf Steiner toca profunda e detalhadamente a questão da língua materna e seu aprendizado. Mostra-nos como a educação saudável da criança deve se dar a partir dos membros, da *vontade*, em direção à cabeça, ao pensar. No tocante à linguagem, fala-nos ele de um poder superior - o *gênio da língua* - organizador da linguagem específica de um povo, o que aponta para uma espécie de “força artesã”, sutil e abrangente, tecendo a língua de um povo como uma obra de arte, maior do que a simples composição cumulativa dos elementos de um idioma. Menciona ainda a existência de um “outro gênio”, este atuante na natureza, que abarca no leite materno todos os saberes necessários ao despertar da criança pequena para o mundo.

Em outro ciclo de palestras sobre educação proferidas em Torquay, em 1924, Rudolf Steiner estabelece um paralelo inusitado entre o leite materno e a educação. Aponta ele para o leite como o alimento completo, que contém tudo de que a criança necessita para seu crescimento. Analogamente, Steiner cunha o termo “*leite anímico*” para a educação, em que tudo a ser oferecido às crianças deve compor uma unidade, de modo abrangente, constituindo uma experiência plena e integradora do mundo, tal como o leite materno proporcionou a nutrição integrada de todas as suas necessidades para a encarnação e o bom crescimento. Assim devem ser apresentados às crianças e jovens todos os saberes, tanto na integração entre eles, quanto na completude de cada saber isoladamente: como uma totalidade que sustenta, conforta e nutre a alma.

A relação do aprendizado com a nutrição, com o degustar e assimilar de múltiplos sabores e experiências oferecidos ao corpo, aos membros e aos sentidos, formando os saberes que vão consolidar as vivências existenciais, afetivas e cognitivas da criança, aponta também para a língua materna em particular como um “leite anímico” essencial. Esta constatação será base para a seguinte exposição sobre a língua falada no Brasil, exaltando o caráter de “alimento”, a ser experimentado e saboreado vivencial e afetivamente, de forma integrada e integradora, com o intuito de aprofundar a compreensão do papel fundamental, essencial, do aprendizado da língua materna.

Afinal, que língua se fala no Brasil?

É de conhecimento geral que o idioma oficial do Brasil é o português. No entanto, quem escuta a fala do brasileiro e a do lusitano percebe que, apesar do vocabulário semelhante, das regras gramaticais e formações linguísticas determinantes, o idioma do Brasil quer explodir para além das barreiras formais da língua do colonizador. Certamente isto se deve a muitos fatores, históricos mas também geográficos, alguns dos quais serão apontados aqui aforisticamente.

Sabe-se que antes da colonização, a partir do século XVI, o país era habitado por milhares de nações indígenas, e que mais de 1500 idiomas nativos soavam por estas terras. Lamentavelmente, essas origens foram praticamente dizimadas, restando hoje menos de 2 centenas dessas línguas, desconhecidas da maioria da população, e infelizmente ausentes dos contextos educacionais do país, portanto sem oferecer influência direta no aprendizado da língua “materna” desta nação.

Também se sabe do comércio de escravos, “adquiridos” de centenas de nações indígenas da África, trazidos ao Brasil pelo ofício aviltante da escravidão, que foi praticada aqui até muito recentemente, em termos históricos, até sua abolição em meados do século XIX. As pesquisas registram índices altíssimos de escravos trazidos para trabalhar no país; embora controversos, os números apontam entre 1,5 e quase 12 milhões de africanos, das mais diversas origens, tanto geográficas quanto étnicas. Com eles vieram para cá os elementos de suas culturas, e também seus múltiplos idiomas e dialetos.

Assim, “brasileiros” nativos e africanos, com suas diferentes línguas, compunham as inúmeras comunidades subjugadas pelo colonizador. Sabe-se que as etnias africanas eram sistematicamente desfeitas ao aportarem no Brasil, para justamente poderem ser melhor controladas pelos senhores de escravos, de modo que representantes de um idioma tinham que se haver com outros escravos vindos de outras nações africanas, com quem tiveram que se comunicar em... português!

Estes fatos apontam para uma evidente dificuldade de comunicação entre todos, e para a carência de um idioma comum, necessário para o contato entre indivíduos e grupos e também para a “educação”, garantindo o domínio dos povos trabalhadores por parte dos colonizadores. Sabe-se que a população africana, até os séculos XVI, XVII, era muito mais numerosa que os próprios habitantes portugueses no Brasil, e que nessa condição foram os maiores difusores do idioma português por todas as partes aonde eram levados para cumprir trabalho escravo. Certamente esses escravos levavam

a língua portuguesa como aprendida a partir de seu enfoque e entendimento, com seus variados sotaques e inflexões, colorida, talvez “distorcida” e ampliada por suas múltiplas culturas originais.

Também o trabalho de catequese levado a cabo pelos jesuítas impôs o aprendizado do português como língua oficial do país entre os indígenas, ao mesmo tempo em que forçosamente acolheu vocábulos e tendências dessas culturas na estrutura e sonoridade da língua portuguesa aqui falada.

Vogais, ditongos e sons anasalados na língua do Brasil

Sabemos que a vogal possibilita o timbre, o colorido das palavras, portanto a ela cabe conferir sentimento e emoção ao aspecto semântico da língua. Às consoantes compete dar contornos e limites às vogais, permitindo a transmissão de significados, conceitos, pensamentos. Ora, na fala do Brasil é notória a vivência, até mesmo um certo deleite na expressão das vogais e sons correlatos; a língua aqui falada é lenta, apoia-se no tempo sonoro das vogais. E até mesmo consoantes tendem a buscar o som vocálico, como se “quissem se tornar vogais”, ser sentimento. É o caso, por exemplo, do fonema /l/ ao final das sílabas ou palavras, que tende a /u/, como em *Brasil, papel, almofada...* ou os fonemas /m/ e /n/ ao final de sílabas ou palavras, que tendem a formar um ditongo, um movimento vocálico, como em *falam, ente, bom, fonte...* diferentemente do modo como a língua portuguesa é falada em Portugal, onde as vogais quase desaparecem, dando lugar à presença articulada das consoantes, que são faladas em alta velocidade, sem o tempo necessário ao desfrute, à vivência e ao sentimento da língua.

Embora muito pouca atenção seja dada, normalmente, ao estudo das características das línguas que se misturaram no Brasil ao idioma do colonizador, vivemos sua influência na presença cotidiana de incontáveis palavras de origem indígena ou africana, absorvidas no vocabulário do português do Brasil - que é, graças a esse fato, amplamente maior que o de Portugal! Nelas vemos a presença acentuada de vogais, ditongos, tritongos e sons anasalados, como nas palavras de origem tupi: *guaraná, canoa, pamonha, cupim, lengalenga, nhenhém...* ou em nomes como *Ipiranga, Aiuruoca, Anhangabaú...* O mesmo se dá com uma infinidade de palavras de origem africana presentes no português do Brasil: *camundongo, angu, batuque, berimbau, cachimbo, inhame, quiabo, moleque, marimondo, vatapá, banguela, muamba...*

Portanto, a língua falada no Brasil, o idioma que se tornou língua materna deste enorme país permite a vivência quase sensorial da linguagem oral, oferece o tempo necessário ao sentimento, à expansão da alma no falar, através do tempo expandido de suas expressões vocálicas.

De montanhas e rios, de árvores, pássaros e paisagens

Com o intuito de ampliar nossa compreensão para outros aspectos, mais sutis porém igualmente presentes na construção das línguas, olhemos agora para outros traços do Brasil, para além de sua História. Contemplemos a paisagem, o solo, o clima do país brasileiro, esta terra banhada pelas águas generosas de suas tantas cachoeiras e rios, berço do maior rio do planeta, terra de chuvas fartas, abrigo da maior floresta úmida da Terra que lhe fornece grande respiração, lhe fornece vida...

O escrivão da equipe portuguesa que chegou ao Brasil em 1.500, Pero Vaz de Caminha, escreve assim a Dom Manuel, rei de Portugal, acerca da terra encontrada: *“Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, em querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.*

As águas frias da Antártida, impulsionadas de modo centrifugal pelo movimento giratório da Terra para a costa oeste africana, são aquecidas no Equador e banham em retorno, com temperaturas agradáveis, os mais de 7.000 km de costa brasileira. As praias do Brasil convidam ao banho demorado. Suas ondas são relativamente brandas e, por longos períodos do ano, são mornas as suas areias.

Diferentemente da América Andina, de colonização e fala espanhola, o Brasil, em suas vastas extensões, não possui montanhas altas. O que o brasileiro reconhece como suas montanhas são os morros de Minas Gerais, ou as serras que se espalham pelo país, de modo aconchegante, com aclives e curvas relativamente suaves. A concentração de forças rochosas no dorso e picos dos Andes parece “se desmanchar” a leste, “escorregar” para uma vasta extensão, fértil e acolhedora, que se estende até a costa do Oceano Atlântico e abraça amigavelmente o seu habitante. É notória a descrição de Pero Vaz de Caminha em outro trecho de sua carta, celebrizado pela História: *“Nesta terra, em se plantando, tudo dá.”.*

A observação espontânea das árvores no Brasil revela copas repletas de fartas flores, em muitas estações do ano, como um grande jardim suspenso. Suas raízes se alçam ao céu, formando muitas raízes aéreas. Veem-se

muitas orquídeas, com as mais variadas formas, que quase não possuem raízes, como se flutuassem no ar, como flores voadoras... e muitas se assemelham mesmo a borboletas e insetos!

Se a América do Norte encontra entre os animais o seu símbolo na águia, e a América Andina se identifica com o condor, essas aves de rapina não voam pelos céus do Brasil. Embora aqui vivam muitos gaviões e uma infinidade de outros pássaros, as aves mais emblemáticas do Brasil são os papagaios e as araras, os tucanos, o sabiá, o Bem-Te-Vi... pássaros que não cantam como o rouxinol... É verdade que o Uirapuru produz um canto belíssimo, mas as mais numerosas e coloridas aves do Brasil mais gralham e grasnam do que cantam. Sua encantadora beleza não está na alma de seu canto, mas sim em seu exterior, nas cores maravilhosas de suas penas.

O grande botânico, fenomenólogo e *goethianista* Thomas Göbel, que visitou o Brasil diversas vezes, dizia: “*A alma se revela aqui na superfície*”. Todo o ambiente do Brasil – desde as brandas colinas, as fartas águas, as suculentas e doces frutas amadurecidas pelo sol, a beleza dos pássaros, a temperatura do mar, o vento morno, o clima ameno, os perfumes dos jasmims, as floridas copas das árvores... – tudo nesta terra, do ponto de vista da natureza, convida ao desfrute, ao deleite, ao repouso, à malemolência, ao bem estar, ao bom humor, à paciência e à tolerância. Cataclismos, tufões, terremotos... – não conhecemos.

Pintura e música da paisagem – a presença dos sentidos na língua

Num dos ciclos de palestras aos trabalhadores do Goetheanum (*Sobre o conhecimento do ser humano no que diz respeito a corpo, alma e espírito* - 2012), Rudolf Steiner menciona a íntima relação da formação da linguagem com a paisagem que cerca o ser humano em desenvolvimento. Afirma ele que em países de montanhas altas a língua se desenvolve com muitas consoantes, e em países de maiores planícies e poucas montanhas a língua se torna primordialmente vocálica. Isto é: muitas montanhas, acento nas forças do pensar; vastas planícies, acento no aspecto sentimental-vivencial da língua. Para ilustrar, observe-se a geografia de Portugal, “apertado” na faixa estreita que lhe cabe entre o mar e o país vizinho, com inúmeras serras e picos em sua pequena expansão de terras, e a língua portuguesa ali falada, onde proliferam as consoantes;

em oposição às vastas e amenas extensões brasileiras, como descritas acima, onde o idioma português se expande em vocabulário e na sonoridade vivencial, quase táctil das suculentas vogais...

Essa íntima e essencial relação da língua com a natureza é explorada de forma sistemática por vários dos grandes poetas e escritores brasileiros, cujas obras cunham o aprendizado da língua materna no Brasil, em particular nas escolas Waldorf, onde se dedica especial atenção à sonoridade da língua, à língua falada.

Em sua obra *O rumor da língua*, o francês Roland Barthes (1915-1980), filósofo, crítico literário e semiólogo, descreve a cultura do Brasil como contida em 4 categorias típicas: LUZ, ÁGUA, CALOR/OURO ou FRUTA. Se estas categorias já se puderam evidenciar nos aspectos da natureza do Brasil descritos anteriormente, elas também podem ser aplicadas à cultura do Brasil como um todo, em especial à sua língua. Considerando as descrições das terras do Brasil praticadas acima, podemos perceber uma correlação íntima entre esses fenômenos da natureza, os fatos históricos que aqui se desenrolaram no momento do estabelecimento de uma língua geral para o país, e suas consequências para o tecido de um novo idioma para esta região e para um novo povo aqui em formação. Podemos supor que a língua emergente da mistura e influência de todas estas origens e circunstâncias há de se estender no desfrute e na musicalidade das vogais, que fornecem ao idioma brasileiro um outro tempo, um tempo estendido, colorido pelo sentimento da alma - mais que pelos conceitos e contornos das consoantes -, iluminado pelos mais variados matizes, farto como as águas que aqui correm, quente e suculento como as frutas que aqui amadurecem...

Minas Gerais, especificamente Cordisburgo, no coração do Brasil, é o berço do grande escritor João Guimarães Rosa, escultor de uma nova língua brasileira, capaz de emergir das forças mesmas da natureza, como vivida no Brasil.

Em toda sua obra percebemos o esforço conseqüente deste grande artesão da palavra por libertar o idioma de suas amarras filológicas e gramaticais, ao cunhar uma língua que quer ser pura **vivência**, que não quer ser compreendida pela razão cartesiana, mas pela pura experimentação sensorial, como ele nos diz numa entrevista concedida a Günter Lorenz em *Diálogo com a América Latina* (1973): “A gramática e a filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia. (...) Acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu

chamo “*compromisso do coração*”. Ora... a língua existindo entre a vida e o coração... sendo assim aprendida e ensinada a partir do corpo, dos sentidos, da *vontade*, para depois chegar à cabeça, ao pensar... pura brasilidade!

Consideremos um trecho extraído da grande obra rosiana, o romance *Grande sertão: veredas*, onde se experimenta a relação direta da paisagem com a linguagem vivencial deste autor, revelando de forma magistral as *categorias* de Roland Barthes presentes na literatura brasileira:

Íamos por um plaino de varjas; lua lá vinha, alimpo de lua. (...) Dia da lua, o luar que põe a noite inchada.

O conceito **noite inchada** – que apela evidentemente aos sentidos, uma vez que inchaço é uma experiência corporal, sensória, de como a vitalidade se encontra no organismo – aparece aqui como um ápice alcançado pela hipérbole do fonema /l/ (em *plaino*, *lua*, *alimpo de lua*). Pois é a proliferação do fonema /l/ que produz a ampliação, o intumescimento dessa noite; é ele que *amorna* e *umedece* a noite, *incha* a experiência da natureza, estende a noite; é o /l/ que torna a vogal suculenta, que a “enfrutece”, dá-lhe movimento interno expansivo (*lua lá vinha...*), lento (*íamos por um plaino de varjas...*), torna-a bojuda (*alimpo de lua...*). Também a experiência quase que sensorial da ondulação do terreno percorrido pode ser sentida através do ditongo em “*plaino de varjas*” - ampliado aqui pela expansão do /l/ - vivência tão mais rica, do ponto de vista da experiência sensorial, do que seria o conceito apenas descritivo “*plano de varjas*”... e que também contribui para a experiência de “inchaço” da noite... “*plaino*”...

Em outra passagem de *Grande sertão: veredas* ouvimos (pois a linguagem de Guimarães Rosa, mesmo quando escrita, é “audível”):

Aquilo nem era só mata, era até florestas! (...) o flaflo de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas; e, sassafrazol – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre. Vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade. (...)

Vemos frequentemente na literatura brasileira os vários sentidos aguçados através das imagens e paisagens desta língua que oferece uma espécie de nutrição sonora e afetiva, tocante, sensorial – os sentidos “à for da pele”, revelando na superfície audível as entranhas e a alma das coisas que

descreve. A linguagem de Guimarães Rosa por excelência, mas também a de outros tantos escritores brasileiros, cria e revela a verdadeira brasilidade, presente na sonoridade das palavras, através do poder *experencial-vital* dessa língua, que se torna o aspecto mais relevante para o ensino da língua materna nas escolas: a língua viva, a língua sonora, falada e vivenciada nas forças mesmas que a constituem, a língua que revela as suas forças formativas!

Outro poeta brasileiro, Ronald de Carvalho, descreve em seu grande poema intitulado “*Brasil*” as diferentes regiões deste país. Podemos experimentar o modo essencialmente sensorial como sua poesia emerge da sonoridade da própria paisagem, como o português falado no Brasil tão bem permite. Eis a abertura do poema:

*Nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
faíscas
cintilações
eu ouço o canto enorme do Brasil!*

Aqui sente-se o calor, o peso do ar, a ausência de vento, a luz brilhante, o silêncio e, dentro dele, os sons eloquentes desta nação, de sua rica natureza, mas também de suas cidades e pessoas, que formam *o canto enorme* deste país de dimensões e complexidades continentais.

A essa abertura seguem-se então os versos descritivos das múltiplas paisagens e contextos do Brasil, como por exemplo os que nos transportam, através da hipérbole do /l/ e do /m/, à imensidão do Amazonas, na segunda estrofe:

*(...) eu ouço a tua grave melodia, a tua bárbara e grave melodia, Amazonas.
A melodia da tua onda lenta de óleo espessa, que se avoluma, e se avoluma,
lambe o barro das barrancas, morde raízes, puxa ilhas, e empurra o oceano
mole como um touro picado de farpas (...)*

Ou, mais adiante, outras temperaturas, outros sons, outra luz, outra paisagem:

(...) eu ouço o chiar das Caatingas – trilos, pios, assobios, zumbidos, bicos que picam, tímpanos que vibram límpidos, asas que zinem, zinem, rezinem, cris-cris, cicios, cismas – caatingas debaixo do céu!

E Ronald de Carvalho conclui, tecendo a apologia ao jovem ser humano brasileiro - sempre com as repetições hiperbólicas do romantismo, que intensificam vivências e sentimentos, sempre (parafraseando Thomas Göbel) *expondo na superfície as vivências íntimas da alma:*

*Mas o que eu ouço antes de tudo, nesta hora de sol puro
Palmas paradas
Pedras polidas
Claridades
Brilhos
Faíscas
Cintilações*

É o canto dos teus berços, Brasil, de todos estes teus berços, onde dorme, com a boca escorrendo leite, moreno, confiante, o homem de amanhã!

Aqui vemos, na imagem *o homem de amanhã*, uma esperança no futuro, na perspectiva expandida de desenvolvimento que este país encerra – a despeito dos tantos aspectos trágicos de sua história, ou dos grandes problemas sociais, econômicos e políticos que o assolam. A alusão à suculência, à plenitude e fertilidade aqui reinantes aparece na mencionada poesia através da imagem do *leite escorrendo da boca*; ou, ainda, em *moreno*, como indicação da mistura das raças aqui operante e da presença do calor e do sol ativo na pele de seus habitantes... Nota-se aqui o sabor dessa esperança ampliado pela sonoridade da língua, por exemplo, nos sons anasalados desse último verso – em *canto... onde... escorrendo... moreno... confiante... homem... amanhã...*

De palmeiras ao vento ao movimento da fala – do saborear ao sentir e pensar a língua

Podemos constatar a primazia do sabor musical da língua do Brasil, acima do seu conteúdo semântico, no prazer desfrutado pelas crianças com os jogos e rimas infantis de antigamente, como por exemplo na canção:

*Atirei o pau no gatô-tô
mas o gatô-tô
não morreu-rreu-rreu
Dona Chica-cá
'dimirou-sê-sê
do berrô, do berrô que o gato deu:
Miau!*

Lembro-me de meu susto quando, já adulta, fui solicitada a traduzir a um público alemão a canção infantil que acabara de lhes cantar, com muito gosto, e que fora ali tão apreciada por sua sonoridade e ritmo. Qual não foi o meu espanto ao perceber, pela primeira vez na vida, o conteúdo daquelas palavras!

O mesmo se daria com a deliciosa brincadeira fonética, em sua cadência ritmada

*Lá em cima do piano
tem um copo de veneno
quem bebeu, morreu.*

Fonemas vivenciados mais como sonoridades saborosas do que como portadores de conceitos – eis a tônica sensorial da lida com a língua no Brasil.

Se levarmos a sério o saber, amplamente explorado na Pedagogia Waldorf, de que a criança pequena aprende por imitação, e que ela imita o movimento, o gesto da mãe e de todo o ambiente ao seu redor, podemos supor que a paisagem amena e o clima afável do Brasil, abraçando de forma suave os movimentos da criança, permitir-lhe-á um tempo estendido de experimentações do corpo, de livres e prazerosos tateares no ambiente ao seu redor, que a levarão a amplas vivências na construção de seu falar.

O clima, a paisagem e a experiência sensorial dilatada oferecidos pela natureza do Brasil compõem de forma especial o *leite anímico* da língua aqui aprendida. Estes aspectos norteiam o ensino da língua materna nas escolas Waldorf, que serve de forma vivencial e afetiva ao aprendizado - desde as canções de ninar e os versos rítmicos das brincadeiras infantis do 1º setênio, passando pelas descrições pictóricas e plásticas na lida com a poesia e com os teatros no 2º setênio; partindo assim da experiência

sensorial, musical, para a anímica, afetiva, com o uso da língua para a percepção e descrição do mundo em suas múltiplas nuances, até culminar com o domínio da língua como ferramenta para a expressão do pensar e para a formação de julgamentos, pertinente ao 3º setênio, no Ensino Médio.

Pois então, plantemos!

Vimos que a natureza e as múltiplas origens do povo do Brasil oferecem uma experiência singular no tocante ao aspecto “nutricional” da língua brasileira. A Pedagogia Waldorf, presente neste país há mais de 60 anos, dispõe aqui de recursos muito preciosos para o ensino da língua, capazes de constituir um poderoso “leite anímico” para crianças e jovens.

É de se desejar que mais e mais professores aprendam a cultivar a riqueza destas terras presente em seu idioma, e que o alimento oferecido no aprendizado de sua língua, 100 anos após a criação desse extraordinário sistema educacional, possa ser levado a cada vez mais crianças e jovens deste país e do mundo, para além dos muros das escolas Waldorf!

Marília Barreto
São Paulo, 2019